BOM DIA FURG 04.11.1991

Bom dia. Rio Grande, dia 4 de novembro de 1991. Os destaques de hoje no Bom Dia, FURG.

Transferido Encontro sobre Redes Acadêmicas. O nono Encontro de Corais de Rio Grande. E uma entrevista sobre o projeto educativo sobre drogas.

Acontecerá no dia 9 de novembro, às 20h, no Teatro Municipal, o nono ENCORG, o Encontro de Corais de Rio Grande. Estarão participando o Coral Promotor, o Coral da FURG, o Coral da Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, o Coral Ipiranga e o Coral Municipal Nestor Gifeni, de Rocha, no Uruguai. A peça musical de encerramento será Canções e Momentos de Milton Nascimento, que será cantada por todos os participantes do Encontro.

A supeste Superintendência de Extensão convida toda a comunidade riograndina para este nono ENCORG. Conosco hoje, no Bom Dia, FURG, estão a professora Gilma Trindade, do Departamento de Ciências Fisiológicas da FURG, a Daniela Barros, que é técnica, e a Cirlei Kowalski, que é bolsista, e vão conversar conosco sobre o projeto educativo sobre drogas. Um projeto que se vem sendo planejado e agora está sendo executado desde 1988.

Professora Gilma Trindade, quais são os objetivos desse projeto e como é que ele está sendo desenvolvido? Bom dia. Bom dia. Os objetivos do projeto educativo sobre drogas, primeiro, é conhecer a realidade nas escolas, de toda a rede escolar, em termos de escolas municipais, particulares, federais e municipais, quanto ao uso indevido de drogas.

E, a partir do conhecimento dessa realidade, montar uma estratégia de ação junto a essas escolas. Quando é que começou a execução desse projeto? Em termos de planejamento, esse projeto foi iniciado em 1988, no setor de farmacologia do Departamento de Ciências Fisiológicas. Logo em seguida, o setor de biofísica do mesmo departamento se inseriu a esse programa e foi, então, começada a parte mais de operacionalidade, propriamente dito, do projeto.

Nessa fase, nessa primeira fase, mais assim, de planejamento, de estrutura, de aplicação, inclusive, do instrumento que foi usado para levantamento desses dados, se contou também com a colaboração de outros profissionais, de outras áreas, de outros departamentos, caracterizando bem o projeto de extensão interdisciplinar. Quantas pessoas hoje participam dele? Hoje, em função da atividade dos profissionais dos outros departamentos, hoje, basicamente, está envolvido, na FURG, o Departamento de Ciências Fisiológicas, na pessoa de professores, na pessoa de técnicos, na pessoa de alunos, integrantes desse departamento, um total de nove profissionais em termos de professores e técnicos, 14 bolsistas e alguns voluntários. Hoje, atuando realmente hoje, a nível de escola, seriam esses os números de pessoal trabalhando.

Daniela, mais sobre a execução em si do projeto. Está sendo apenas junto às escolas. Qual é a faixa etária que está atingindo? Que séries estão sendo atingidas? As séries atingidas são de 5ª

a 8ª série do 1º grau e de 1ª a 3ª do 2º grau.

Então, alunos na faixa etária de 10 a 11 anos até alunos que estão concluindo o 2º grau. Quais são os primeiros resultados que vocês obtiveram? Quanto a resultados em termos bem gerais... De índices, por exemplo. Em termos de índices, se a gente considerar 1º e 2º grau, fazendo um levantamento único de 1º e 2º grau, a gente encontra um índice de uso, quanto ao uso indevido de drogas, em torno de 6%, o que é uma média bem abaixo das grandes cidades brasileiras.

Isso, claro, nos estimula, nos deixa alegres, mas também nos tranquiliza, porque esse índice baixo está relacionado com o 1º grau. O 1º grau é que dilui esse índice. Porque se a gente analisar só o 2º grau, esse índice vai para 22%, o que já é um índice... Preocupante.

Bastante preocupante e bastante comparativo, vamos dizer assim, com as grandes cidades. E isso também reforça o objetivo e o valor do nosso projeto, de ser preventivo. Esse é o nosso objetivo primeiro, prevenir para que realmente esse índice não aumente, para que esses nossos alunos hoje de 1º grau, amanhã no 2º, façam com que esse nível do 2º grau diminua.

A prevenção vai começar, é lógico, com o pessoal do 1º grau, aquelas crianças pequenas. Exatamente. Agora, eu queria que a Cirlei, eu acho que poderia responder, a respeito das crianças, os resultados de vocês, parece que trouxeram alguma coisa a respeito de algumas crianças, embora sejam exceções, que desde a 1ª série já usam algum tipo de droga.

Por que acontece isso, se é que dá para perceber alguma coisa pelo questionário? Pelo questionário, nós só avaliamos os alunos de 5ª, 8ª série, 1º ano, 2º grau, 3º. Mas agora, na 2ª etapa, quando a gente retorna à escola, os professores relatam casos, porque são eles que estão mais com as crianças, de crianças já no 1º ano, do 1º grau, usando drogas, usando álcool, usando fúrgula, usando medicamentos que têm em casa, que os pais têm em casa. E também, esses dias, nós tivemos um relato de uma criança com 2 anos de idade que já é dependente de álcool.

Aqui em Rio Grande? Não, foi em Bagé. Sim. O programa é regional, não é? O programa é regional.

É que nós tivemos um encontro em Bagé e foi relatado isso. 2 anos de idade, que tipo de... ela usa o álcool? Então, essa criança já pode ter, inclusive, nascido com a dependência? Pode ter nascido com a dependência. E, claro, a gente não investigou melhor, mas, provavelmente, a mãe dá álcool para essa criança dormir.

É um problema mais amplo. Não deve ser só em torno da criança. A família também tem muita responsabilidade nisso.

Com relação a essa responsabilidade, Cirlei, qual é a posição dos professores junto aos quais vocês têm atuado? Qual é a reação deles? E o que está sendo feito, em termos de informação, a

esses professores? Nessa segunda etapa, que a gente está retornando à escola, nós estamos oferecendo condições para os professores trabalharem com os alunos. Porque não adianta nós chegarmos lá e formarmos palestras, porque os alunos não têm aquela confiança. É o professor que trabalha todos os dias com esse aluno.

Então, no momento que o professor constata o problema, ele tem condições de conversar com o aluno e ver se ele pode ajudar. Para isso, o professor sempre se esquiva. Ele tenta evitar esse tipo de problema.

Então, o que nós estamos fazendo? Na segunda etapa, a gente reúne mensalmente, uma vez por mês, os professores da escola e tenta dar subsídios baseados em informações científicas sobre como reconhecer a pessoa drogada, sobre as drogas em si, o seu mecanismo de ação. Enfim, tudo cientificamente. O professor tem condições de argumentar, de falar sobre o assunto e não ter preconceito nem medo.

Com relação à informação científica, eu gostaria de ressaltar, até que vocês me informaram antes, que esse é o melhor tipo de informação para o aluno? Ele aceita melhor? Sim, porque hoje em dia, inclusive, se nós formos abordar sobre um lado apelativo, moral, religioso ou de outra maneira, o aluno, a pessoa que usa a droga, ela já sabe muito sobre os efeitos, conhece muito a droga. Muito mais que o professor, muito mais até em alguns aspectos do que nós. Então, a maneira mais científica, a maneira científica é que vai dizer direitinho para ela o que vai fazer no organismo dela.

Se não, não. Vai dar a opção dela escolher. Ou usa ou não usa, mas conscientemente.

Professora Gilma, no geral, pelo que vocês têm sentido, os pais têm consciência dessa dependência ou de que o filho já teve contato com a droga, com o uso indevido da droga? Poucas escolas, até agora, até o momento, solicitaram que o nosso grupo chegue até os pais. Mas algumas já fizeram isso. E a gente se dispõe a isso também, de ter uma conversa franca junto aos pais.

O que eles passam para nós, para o grande grupo, é que, assim como o professor, que é pai, na grande maioria das vezes é pai, não se sente preparado, o pai também não se sente preparado. E também necessita de um esclarecimento, de uma conversa mais dirigida, mais clara sobre esse assunto. E, dentro do possível, a gente tem feito isso.

Como a Silene colocou, existem, como é que eu vou dizer assim, um papel importantíssimo do pai. Isso aí é inegável, incontestável. E, muitas vezes, os pais, inconscientemente, são exemplos negativos ao uso de droga para os seus filhos.

Lógico que, não quero dizer com isso que o pai usa droga do tipo ilícita, que, geralmente, quando a gente fala, a droga é do tipo ilícita, na frente de seus filhos. Mas o pai fuma, a mãe fuma, o pai bebe, a mãe bebe, a mãe ou o pai usam bastante medicamentos em casa para

solução de problemas, é a dor de cabeça quando chega do serviço, então, eu vou tomar um comprimido, algum desentendimento familiar, cada um toma o seu comprimido e se tranquiliza. E a criança está vendo isso.

Então, se o pai, se a mãe, busca no comprimido, na bebida, num aperitivo, um tranquilizante para aliviar a sua tensão, o seu nervosismo, por que ele não vai fazer a mesma coisa? E uma coisa importante também, que foi o levantamento da pesquisa, é que, para os pais, é fácil pensar assim, bom, o uso de drogas, se o meu filho faz ou não, é mais assim, na rua, é na escola, não dentro de casa. E nós temos um levantamento feito aqui que é em casa e não na escola, o local de preferência dos filhos. Em função da vida de hoje, onde o pai trabalha fora, a mãe trabalha fora.

Então, hoje, a casa passou a ser um lugar seguro para a criança, para o adolescente, fazer o uso de qualquer tipo de drogas. Ali ele está mais seguro, ele está sozinho. E não na escola, que, felizmente, se tem um sistema assim de, não digo de controle, de recessão, porque eu acho que também não funciona, mas existe um comprometimento maior, porque existem mais pessoas e tal.

Mais atividade também. Isso, a criança não vai estar se expondo com tanta facilidade. Já em casa, ele está sozinho, realmente.

E isso é uma coisa que foi levantada, que a gente tem procurado esclarecer aos pais, nessas reuniões, nesses encontros, e eles estão também esperando com bastante vontade, talvez, claro que pela necessidade, que esses encontros aconteçam. O fumo e o álcool, no caso, não são considerados drogas? Não são considerados, pelos jovens, pelas crianças, não são consideradas drogas? A nossa pesquisa não era induzida. Nós perguntávamos assim, numa determinada situação, a gente pergunta assim, no caso de ter usado drogas, qual delas usou? E se deixou espaço para que eles escrevessem a droga? Não se colocou uma listagem de drogas para que ele marcasse? Porque a gente achou que estaríamos induzindo essa pesquisa.

E nós deixamos livres. E o que nos surpreende, é que foi raríssimos os casos em que algum aluno isoladamente colocou álcool e fumo como drogas. Isso também nos preocupa, porque a gente precisa esclarecer para a nossa criança, para o nosso adolescente, que o álcool e o fumo são drogas sim.

São drogas importantes que a gente precisa esclarecer sobre o que essas drogas causam no organismo. Mais especificamente, o adolescente, é aquele que, segundo os questionários, faz mais uso de drogas. Ele aponta os motivos, ou como foi o começo? Bom, nós não temos ainda um contato direto com o aluno.

Nós não temos esse contato. Somente com os questionários. O que a gente tem é a bibliografia.

A gente busca a bibliografia especializada no assunto e a gente tem lido bastante. Existem os

mais variados relatos, desde problemas familiares, curiosidade, necessidade de se sentir do grupo. Então, são vários relatos.

E a história da balinha furada, como está muito na moda agora? Existe esse tipo de chegada na droga? Quer dizer, por acaso, sem querer, de repente está dependente? Nós já levantamos isso no grupo uma vez. Nós já discutimos um pouco esse assunto. Nós não nos sentimos capazes de chegar e dizer, realmente, foi verdade, foi mentira.

Não sei até que ponto caberia a gente fazer um comentário sobre isso, já que a gente não foi realmente a fundo nessa questão. Eu acho que é uma coisa bastante delicada. O que a gente sabe é que se tornar dependente não é do dia para a noite.

É uma coisa que você precisa de um processo. A Organização Mundial de Saúde classifica a dependência em várias etapas, em várias características. Não é o fato de usar uma vez uma determinada substância que vai te levar à dependência.

É uma série de fatores que fazem com que o usuário de hoje repita o uso amanhã. Por isso que o assunto é tão complexo. Nós costumamos, no grupo, usar muito a sigla dia, que significa, então, o D, droga, o I, indivíduo, e o A, ambiente.

Já no primeiro item, no item D, de drogas, são vários tipos de drogas. São várias drogas. Além disso, a própria droga em si apresenta diferenças, no sentido de impurezas, ou de mais pura, menos pura, enfim, de misturas de substâncias para maior rendimento, essa coisa toda.

A droga em si é diferente. O indivíduo é diferente. Uma determinada substância faz um efeito numa pessoa A e faz um efeito diferente numa pessoa B. E ainda o ambiente, o próprio ambiente modifica, muitas vezes, a resposta da droga.

Então, a coisa é muito complexa, é muito difícil para a gente, assim, achar que vai, de uma hora para outra, buscar soluções. A gente sabe que tem que ser feito alguma coisa. E a gente está se conformando a isso.

Nós agradecemos, então, a participação aqui no Bom Dia Fur, já que estamos sobre o tempo, da professora Gilma Trindade, da Daniela Barros e da Cirlei Kowalski, pelas importantíssimas informações que nos prestaram. E os nossos microfones estão abertos para mais alguma informação que vocês queiram dar. Nós também gostaríamos de agradecer o espaço.

Para nós, tem sido muito importante esse apoio que a Rádio Universidade tem dado ao projeto. E, realmente, a gente precisa chegar à comunidade, porque é um compromisso de todos. E a Rádio Universidade e outros meios de comunicação têm nos dado o apoio que a gente realmente necessita.

Agradecer. Sucesso no projeto, então. Uma última informação no Bom Dia Fur de hoje foi transferido para a data ainda não definida, o encontro sobre redes acadêmicas, que aconteceria

aqui na FURG nos dias 11 e 12 de novembro.

A transferência aconteceu em função de uma greve no CNPq. O Bom Dia Fur retornará amanhã. Até lá.